



ERA C. S. LEWIS UM INCLUSIVISTA? *

Was C. S. Lewis an Inclusivist?

Carlos Caldas **

RESUMO: C. S. Lewis (1898-1963) foi um dos principais pensadores cristãos do século passado. Autor prolífico, escreveu sobre muitos temas, dentre os quais destacam-se a crítica literária, a teoria da educação, a literatura de fantasia e a exposição teológica. O presente artigo pretende verificar a questão de como Lewis entendia o lugar das religiões na experiência da salvação. No cristianismo a soteriologia, entendida como reflexão sobre a experiência da salvação, tem sido ao longo dos séculos identificada com a posição exclusivista, que nega a todas as demais tradições religiosas qualquer possibilidade de valor salvífico. A partir da segunda metade do século XX outras compreensões têm surgido. Uma delas, o inclusivismo, entende que, em Cristo, não cristãos podem ter a experiência da salvação. A hipótese que se pretende demonstrar no artigo é que Lewis defendia a perspectiva inclusivista.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusivismo. Soteriologia. Cristologia. Diálogo inter-religioso. C. S. Lewis.

ABSTRACT: C. S. Lewis (1898-1963) was one of the main Christian thinkers of the last century. A prolific author, he wrote on many topics, including literary criticism, educational theory, fantasy literature, and theological exposition. This article aims to verify how Lewis understood the place of religions in the experience of salvation. In Christianity, soteriology, understood as a reflection on the experience of salvation, has been identified over the centuries with the exclusivist position,

* Este artigo é uma versão ampliada e estendida de uma comunicação apresentada pelo autor no Simpósio Internacional Filosofia – Teologia – Ciências da Religião da FAJE e PUC Minas, realizado em 2018 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

** PUC Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais.

which denies all other religious traditions any possibility of salvific value. From the second half of the 20th century onwards, other understandings have emerged. One of them, inclusivism, understands that, in Christ, non-Christians can have the experience of salvation. The hypothesis intended to be demonstrated in the article is that Lewis defended the inclusivist perspective.

KEYWORDS: Inclusivism. Soteriology. Christology. Interreligious dialogue. C. S. Lewis.

Introdução

O presente artigo se inicia a partir de duas constatações: a primeira, a multiplicidade de tradições religiosas no mundo, e a segunda, o fato de ser o cristianismo a maior tradição religiosa, numericamente falando. O cristianismo nasce com vocação missionária. Já nos documentos do Novo Testamento encontra-se um chamado ao exercício missionário. O mais conhecido destes textos é Mateus 28,18-20, que a tradição protestante desde o século XIX nomeia como “Grande Comissão”¹. O livro de Atos vai mostrar a primeira onda de expansão da fé cristã operada por seguidores de Jesus que se dispuseram a ir até “os confins da terra” (cf. At 1,8) anunciando a universalidade da salvação pela fé em Jesus de Nazaré. No exercício deste mister foi inevitável o encontro com outras tradições religiosas. Tradicionalmente o cristianismo sempre entendeu que “[...] Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular, e não há salvação em nenhum outro, porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4,11-12).

Sendo assim, considerando a vocação missionária cristã e a grande quantidade e diversidade de tradições religiosas no mundo, seria uma questão de tempo para que houvesse um encontro de tradições religiosas. E a partir de tal encontro, seria também inevitável que surgisse a pergunta sobre o lugar das outras tradições religiosas na experiência da salvação. Pois o Novo Testamento também se refere à luz de Deus que, “vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1,9). Pode-se afirmar que a chamada “teologia das religiões” ou “teologia do pluralismo religioso” tenta responder a seguinte pergunta: qual é a extensão desta iluminação? Há vasta bibliografia técnica a respeito, produzida a partir da reflexão teológica em culturas nas quais grandes e antigas tradições religiosas, como o budismo

¹ A missiologia protestante clássica entende os textos de Marcos 16,15 e Lucas 24,44-47 como versões da “Grande comissão” mateana. Para detalhes consultar BOSCH (2002).

e o hinduísmo², são coextensivas à sociedade, e também no contexto do encontro da tradição cristã com as religiões de matriz africana em África³.

De fato, desde a segunda metade do século passado tem surgido em alguns círculos de reflexão teológica cristã um olhar mais generoso para as demais tradições religiosas. Esta mudança de paradigma começa em círculos católicos pós-Vaticano II, mas houve também teólogos protestantes que fizeram contribuições para este debate⁴. Após a apresentação, ainda que em síntese, da compreensão da teologia recente a respeito do tema da possibilidade da experiência de salvação nas tradições religiosas o artigo apresentará, também de maneira resumida, a trajetória do pensador cristão C. S. Lewis e sua compreensão a respeito. A hipótese que se pretende defender no artigo é que Lewis defendia uma soteriologia compreendida em moldes inclusivistas.

1 Tipologias da compreensão cristã quanto ao valor salvífico nas religiões

No parágrafo anterior mencionou-se uma mudança de paradigma ocorrida em círculos de reflexão teológica cristã no que diz respeito ao papel e lugar das tradições religiosas na experiência e no processo da salvação humana. Por séculos o cristianismo tem tido uma visão bastante negativa e pessimista das outras tradições religiosas⁵. Mas pelo menos desde o pós-guerra tem-se observado a mencionada mudança de paradigma no

² É o caso de, inter alia, Dupuis (2001), que escreveu uma alentada e detalhada “teologia cristã do pluralismo religioso” depois de lecionar por 36 anos na Índia, Soares-Prabhu (2003), um jesuíta indiano no contexto hindu, e, nesta mesma linha, Pathil (1999 – esta obra é uma coletânea de ensaios produzidos por teólogos indianos cristãos envolvidos com diálogo inter-religioso), e ainda o teólogo católico indiano D’Costa (1986, 2009), além de Balasurya (1984), teólogo católico do Sri Lanka, país de maioria da população budista. Em perspectiva protestante, inter alia, a reflexão do teólogo metodista indiano Wesley Ariarajah (1985, 1991, 1999), além da obra do teólogo reformado Taiwanês Song (2002, 2015), e as dos teólogos japoneses Kitamori (2005) e Koyama (1974, 1979, 1985, 2011). Esta lista não é exaustiva, mas é suficiente para dar uma ideia da riqueza da reflexão em torno do tema do diálogo do cristianismo com outras tradições religiosas.

³ Quanto a isso, consultar a obra do teólogo anglicano queniano John Mbiti (1931-2019), o primeiro a produzir uma reflexão sistemática sobre o diálogo entre a tradição cristã e tradições religiosas de matriz africana. Dentre tantas, podem ser citadas: MBITI, 1969, 1970, 1971, 1975, 1987.

⁴ Para uma introdução ao tema da compreensão protestante contemporânea sobre o papel das religiões na experiência da salvação consultar, inter alia: CALDAS, 2017, p. 112-133.

⁵ Mas há exceções: Race (2015, p. 27) mostra como já no segundo século da era cristã Justino (Justino, o Mártir) tinha uma visão bastante aberta e abrangente: conforme Justino, “os que vivem de conformidade com o Logos” (*hoi meta logou biosantes*) são cristãos, mesmo tendo vivido antes de Cristo.

que diz respeito a esta compreensão. Não há consenso entre os estudiosos quanto a uma tipologia da resposta teológica cristã às religiões mundiais. D’Costa propõe uma tipologia quádrupla: pluralismo, inclusivismo, exclusivismo, teologia comparada e pós-liberalismo pós-moderno (D’COSTA, 2009, p. 6-8). Race trabalha com a tipologia tríplice clássica que fala em exclusivismo, inclusivismo e pluralismo (RACE, 2015, p. 18-52). Barnes (2002) não trabalha com estas categorias: sua proposta é a busca de uma “terceira via” entre exclusivismo (só se experimenta a salvação no cristianismo) e relativismo (a salvação é experimentada em toda e qualquer tradição religiosa). Schmidt-Leukel fala em “pluralismo religioso”: “Esta teoria assume por primeiro que a verdade religiosa existe – e em um determinado sentido, deve existir – em uma diversidade de formas, que são posteriormente avaliadas como sendo igualmente válidas, a despeito de serem diferentes” (SCHMIDT-LEUKEL, 2017, p. 1, tradução nossa). Dupuis usa uma terminologia diferente: ele apresenta (e critica) os seguintes modelos: eclesiocentrismo (a salvação acontece pela mediação da instituição eclesial cristã), cristocentrismo (a salvação se dá por meio de Cristo, seja este conhecido ou não pelas pessoas que professam outros credos – ou nenhum), teocentrismo (uma visão que “desloca” Cristo da posição de mediador da salvação, centrando-a, como o próprio nome indica e sugere, em Deus), regnocentrismo (“Deus e seu Reino são o alvo da história para o qual todas as religiões, inclusive o cristianismo, caminham juntas, como seu destino comum” (DUPUIS, 2001, p. 194, tradução nossa), logocentrismo (a salvação se dá pela palavra – logos – que é maior do que o homem Jesus de Nazaré)⁶ e pneumatocentrismo (visão semelhante ao logocentrismo, com a diferença que enfatiza a ação do Espírito – pneuma – como sendo o agente da salvação).

No parágrafo anterior a tipologia tríplice – *exclusivismo*, *inclusivismo* e *pluralismo* – foi mencionada, mas sem que fossem apresentados detalhes a respeito. O que estes termos querem dizer? Em termos simples, *exclusivismo* é a posição que atribui exclusividade ao cristianismo como lugar na experiência de salvação. O *inclusivismo* por sua vez defende a possibilidade de salvação para além das fronteiras denominacionais cristãs, mas tão somente a partir de Cristo presente de um modo ou de outro nas demais tradições religiosas. Já o *pluralismo*⁷, como o próprio nome indica, acredita que toda e qualquer tradição religiosa pode ser lugar de salvação (cf. RATZINGER 2007, p. 49-50).

⁶ Dupuis cita como defensor da posição logocêntrica o jesuíta cingalês Aloysius Pieris (n. 1934), cuja obra apresenta diálogos entre o cristianismo e o budismo.

⁷ A posição pluralista é defendida por teólogos como Knitter (1985, 2008, 2013) e, em uma perspectiva talvez ainda mais radical, Hick (1986, 2000, 2015). Para uma crítica à perspectiva de Hick, consultar a entrevista dada pelo jesuíta indiano Michael Amaladoss ao portal Humanitas, da Unisinos: John Hick e o pluralismo religioso. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/506496-john-hickeopluralismo-religioso>. Acesso: 01 de maio 2024.

Considerando que a tese que o artigo pretende defender é que Lewis adotou uma posição inclusivista, dar-se-á mais atenção a esta perspectiva. A posição inclusivista tem seu grande defensor na figura do teólogo católico alemão Karl Rahner com sua tese dos “cristãos anônimos”, que se tornou bastante conhecida. Já em 1961, portanto, antes do Concílio Vaticano II, Rahner publicou um artigo intitulado *Das Christentum und die nichtchristlichen Religionen* – “O cristianismo e as religiões não cristãs”, no qual defendeu seu “ponto” de vista segundo o qual a salvação em Cristo pode acontecer fora de limites eclesiais cristãos. No dizer de Terra, “Rahner insistiu, sobretudo na vontade divina de que todos sejam salvos em Cristo e na consequente oferta de graça que atinge a todos” (TERRA, 2015, p. 321). Na verdade, já na Patrística encontram-se reflexões que podem ser consideradas antecedentes da tese rahneriana, uma espécie de inclusivismo *avant la lettre*: o já citado Justino Mártir (100-165) falava do λογος σπερματικός (*logos spermatikos*), a “semente do Verbo” (*Semina Verbi* em latim), lampejos, fagulhas ou centelhas da luz e da verdade divinas que poderiam ser encontradas fora do cristianismo. A tradição antiga denominava estas fagulhas da luz divina de *Praeparatio evangelica*, “preparação evangélica”, ou seja, preparação para a chegada do evangelho de Jesus Cristo.

Outra definição operacional didática da posição inclusivista é a apresentada por Berger: para o sociólogo da religião (que tinha também formação em teologia) o inclusivismo ocupa posição intermediária entre o exclusivismo e o pluralismo, enquanto afirma o caráter único da fé cristã, mas permanecendo aberto às alegações de posse da verdade da parte de outras tradições religiosas (BERGER, 2004, p. 15). Na visão de Berger, além de Rahner, Paul Tillich também pode ser considerado como um defensor do inclusivismo (BERGER, 2004, p. 18)⁸.

Em suma: a posição soteriológica inclusivista não renuncia ao caráter cristológico e cristocêntrico do cristianismo (ponto de convergência com o exclusivismo), mas, ao mesmo tempo, entende que a graça de Deus em Cristo é tão grande que não está e nem pode ser limitada pelas fronteiras denominacionais da tradição cristã. Este é, não é demais repetir, o “ponto” de vista que o artigo pretende demonstrar, qual seja, C. S. Lewis, a respeito de quem se falará na próxima seção deste texto, defendia uma soteriologia inclusivista.

⁸ Berger escreveu a respeito do tema do pluralismo religioso em perspectiva sociológica, ou seja, seu foco não estava na questão teológica propriamente, mas na questão “pé no chão” sobre como tradições religiosas diferentes podem conviver de maneira pacífica em uma mesma sociedade. Quanto a isso, consultar Berger, 2017.

2 C. S. Lewis – síntese de sua vida e pensamento

Antes de se apresentar a tese principal do presente artigo, qual seja, da compreensão soteriológica inclusivista de Lewis, apresentar-se-á, posto que em síntese, sua vida e pensamento⁹.

C. (Clive) S. (Staples) Lewis nasceu em Belfast, Irlanda do Norte, em 29 de novembro de 1898. Seu pai, Albert James Lewis, era advogado, e sua mãe, Florence (“Flora”) Augusta Hamilton, faleceu quando ele ainda era bem pequeno, o que o marcou para o resto de sua vida. Seu avô materno fora clérigo anglicano, da Church of Ireland (“Igreja da Irlanda”). Ele tinha um irmão mais velho, Warren, e os dois sempre foram muito próximos. Os meninos Lewis cresceram em uma casa cheia de livros, e logo aprenderam a ser leitores vorazes. Jack – como Clive gostava de ser chamado – desde muito cedo revelou grande gosto pela leitura de mitologias, notadamente a grega e a nórdica.

Quando irrompe a Primeira Guerra Mundial, Lewis voluntariamente se alista no exército inglês, e vai para a frente de batalha, na França. Lá faz amizade com Patrick – Paddy – Moore, e os dois prometem que se um dos dois tombasse no campo de batalha, o que sobrevivesse cuidaria da família do outro. E foi o que aconteceu, pois Paddy foi atingido e veio a falecer, e quando Lewis volta para a Inglaterra, vai morar com a mãe e a irmã do amigo falecido, cumprindo assim sua promessa¹⁰.

Lewis ingressou como professor de Literatura Medieval no Magdalen College da prestigiosa Universidade de Oxford, onde obtivera sua formação em Filosofia e em Clássicos (língua e literatura grega e latina). Em Oxford se fez amigo de J. R. R. Tolkien¹¹. Os dois, juntamente com amigos literatos, filósofos ou clérigos, como Charles Williams, Owen Barfield, Roger Lancelyn Green, Christopher Tolkien (filho de J. R. R.) e outros mais, formaram o grupo Inklings, que se reunia toda noite de quinta-feira no pub Eagle and Child em Oxford. Entre uma rodada e outra de cerveja e muitas baforadas de cachimbo e charuto (naquele tempo permitidos em ambientes fechados na Inglaterra), eles liam uns para os outros o que haviam escrito, trocavam impressões sobre gostos literários, a um só tempo criticando-se e incentivando-se¹².

⁹ Há grande número de biografias de Lewis. Dentre tantas, podem ser citadas, *inter alia*, Wilson (2002), Green (2003), McGrath (2019).

¹⁰ A natureza do relacionamento entre Lewis e a Sra. Moore é até hoje um mistério, mesmo para seus biógrafos mais próximos, como é o caso de Roger Lancelyn Green, de quem era amigo. Nunca ficou plenamente esclarecido se ele assumiu um papel de filho adotivo ou se houve algum relacionamento de natureza afetivo-sexual entre eles.

¹¹ A amizade entre Tolkien e Lewis, curiosamente, dois dos maiores escritores de literatura de fantasia do século XX, é narrada e analisada por Colin Duriez (2018), que era muito próximo de Lewis.

¹² A obra definitiva a respeito dos *Inklings* é a de Humphrey Carpenter (2006). Carpenter também escreveu uma biografia de J. R. R. Tolkien.

Lewis casou-se com Joy Davidman, uma divorciada norte-americana de origem judia. A motivação para o casamento fora puramente humanitária, pois se estivesse casada com um cidadão britânico, ela teria o direito de permanecer no país e não ser deportada para os Estados Unidos. O casamento foi de curta duração (quatro anos), pois não muito tempo depois de casados ela foi diagnosticada com uma forma agressiva de câncer, já em estado avançado, vindo a falecer pouco depois¹³.

Nos últimos anos de sua vida Lewis transferiu-se para a Universidade de Cambridge – coincidentemente, para uma faculdade do mesmo nome da que trabalhara em Oxford, Magdalen College – para lecionar a recentemente inaugurada cadeira de Literatura Renascentista. Mas sua saúde estava se deteriorando rapidamente, e ele faleceu em 22 de novembro de 1963, exatamente uma semana antes de completar 65 de idade¹⁴.

Tendo apresentado – de maneira breve e sintética – a trajetória de Lewis, será apresentada, também de maneira resumida, uma síntese de seus principais temas. Lewis escreveu muito. Dentre suas temáticas principais estão a crítica literária (LEWIS, 2015b, 2018), a teoria da educação (LEWIS, 2017), a apologética cristã (LEWIS, 2021b) e a literatura de fantasia (LEWIS, 1982, 2009). É oportuno registrar que a apresentação das temáticas lewisianas nesta seção do artigo é sugestiva, sem pretensão de exaustividade. Seu propósito é apenas mostrar um pouco do gênio de Lewis. No entanto, há um ponto apenas que precisa ser enfatizado: Lewis era firmemente cristocêntrico em sua compreensão teológica. No prefácio de *Cristianismo puro e simples* (*Mere Christianity* no original) ele faz uma afirmação que pluralistas radicais como John Hick ou Paul Knitter provavelmente teriam dificuldade em concordar: “há um único Deus e Jesus Cristo é o seu único Filho” (LEWIS, 2017c, p. 11). Mais adiante Lewis apresenta sua argumentação em defesa do lugar único de Jesus Cristo na experiência da salvação:

Quero evitar aqui que alguém diga a enorme tolice que muitos costumam dizer a respeito dele; “Estou pronto para aceitar a Jesus como um grande mestre de

¹³ Para detalhes sobre o relacionamento entre Lewis e Joy, consultar CALLAHAN, 2018. Este episódio da vida de Lewis foi retratado no cinema no filme *Shadowlands* – “Terra das Sombras” na versão brasileira – de 1993, do diretor Richard Attenborough, com o premiado ator inglês Anthony Hopkins no papel de Lewis. As reflexões do próprio Lewis sobre seu processo de perda da esposa estão em seu livro *A anatomia de um luto* (LEWIS, 2021 a), um relato amargo, e, por isso mesmo, sincero, da dor pungente que sofreu.

¹⁴ Por uma coincidência assaz curiosa, no mesmo dia 22 de novembro de 1963 faleceram também o escritor inglês Aldous Huxley (autor de obras que se tornaram clássicas, como, *Admirável mundo novo* e *As portas da percepção*) e o então presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy. A partir desse acontecimento o filósofo norte-americano Peter Kreeft (1986) imaginou como seria uma conversa – um “triálogo” – dessas três figuras imediatamente após a morte, em um lugar indefinido (que não é nem o céu, nem o inferno, nem o purgatório, nem o limbo da tradição cristã), sendo que cada um deles apresenta sua cosmovisão. Kreeft judiciosamente observou que cada um dos três adotou uma cosmovisão bem distinta, a saber, Kennedy, a “humanista secular”, Huxley, a oriental, e Lewis, a judaico-cristã.

moral, mas não aceito sua reivindicação de ser Deus”. Esse é o tipo de coisa que não se deve dizer. Um homem que fosse meramente um ser humano e dissesse o tipo de coisa que Jesus disse não seria um grande mestre de moral. De duas uma, ou ele seria um lunático – do nível de alguém que afirmasse ser um ovo frito – ou então seria o diabo em pessoa. Faça a escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou então um louco ou algo pior. Você pode descartá-lo como sendo um tolo ou pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou, então, poderá cair de joelhos a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não me venha com essa conversa mole de ele ter sido um grande mestre de moral, pois ele não nos deu essa alternativa e nem tinha essa pretensão (LEWIS, 2017c, p. 86).

Talvez seja por conta do cristocentrismo forte de Lewis que alguns de seus leitores não concordam em classificá-lo como inclusivista. É o caso de Martindale (2005, p. 118, tradução nossa), que afirmou:

A crença que Cristo pode salvar os que não ouviram¹⁵ aparece aqui e ali nos escritos de Lewis, mas não em grande quantidade. Sua ênfase estava na visão ortodoxa que a salvação vem pelo ouvir a Palavra (as boas novas da salvação em Cristo e em depositar nossa confiança em sua morte por nós) e que obras de justiça fluem de um coração transformado.

Não obstante, a posição que o artigo defende é contrária à de Martindale por dois motivos: o primeiro, é que Lewis, como anglicano que era, tinha a participação nos sacramentos em alta conta, mais elevada que a maioria dos evangélicos. Em *Cristianismo puro e simples* Lewis (2017c, p. 96) afirmou: “Há três coisas que infundiram a vida de Cristo em nós: o batismo, a fé, e a ação misteriosa a que os diferentes cristãos dão nomes diferentes – a Santa Comunhão, a Eucaristia, a Santa Ceia”. Martindale não prestou atenção a este aspecto da soteriologia lewisiana, fortemente anglicana, na qual os sacramentos têm grande peso e importância. O segundo motivo é que, contra Martindale, Lewis advogou, como se pretende demonstrar, que a salvação em e por intermédio de Jesus Cristo pode ser alcançada e encontrada além dos limites da tradição cristã. No Livro II de *Cristianismo puro e simples*¹⁶ ele afirmou:

Se você é cristão, não precisa acreditar que todas as outras religiões sejam simplesmente de todo erradas. Se for ateu, terá de acreditar que o ponto central de todas as religiões do mundo é simplesmente um grande erro. Se você é cristão, tem a liberdade de pensar que todas aquelas religiões, mesmo as mais

¹⁵ Está implícito na citação de Martindale que o “ouviram” se refere ao anúncio evangelizador centrado na pessoa de Cristo. O autor faz uma elipse com a palavra “evangelho”.

¹⁶ *Cristianismo puro e simples* é um livro relativamente pequeno que foi formado a partir de três conjuntos de palestras ministradas por Lewis na emissora de rádio BBC em três partes: *Broadcast Talks* (1942), *Christian Behaviour* (1943) e *Beyond Personality* (1944), ou seja, no auge da Segunda Guerra Mundial, quando a Inglaterra estava sob pesados ataques da Alemanha (cf. LEWIS, 2017c, p. 9). A primeira publicação do texto impresso contendo todo o material transmitido radiofonicamente se deu em 1952. Desde então o livro tem tido sucessivas reedições e foi traduzido para muitas línguas.

exóticas, contêm pelo menos uma parcela da verdade [...] Mas, é claro, ser um cristão quer dizer pensar que onde o cristianismo difere de outras religiões, ele seja verdadeiro e elas estejam erradas. É como na aritmética – há somente um resultado certo para a conta, e todos os outros estão errados; mas alguns dos resultados errados estão mais perto de estarem certos do que outros (LEWIS, 2017d, p. 67).

A argumentação de Lewis nesse parágrafo faz lembrar a mencionada ideia de Justino do *logos spermatikos*, a semente do verbo (considerando que Lewis tinha grande conhecimento da literatura patrística, grega e latina, é razoável admitir que ele estivesse familiarizado com o pensamento de Justino). Na sequência do artigo mostrar-se-ão os argumentos que permitem concluir que Lewis era inclusivista em sua soteriologia.

3 A compreensão lewisiana da revelação – o caso Akhenaton

Nesta seção do artigo procurar-se-á ver como Lewis compreendeu o tema da revelação de Deus à humanidade. Em *Lendo os Salmos* (LEWIS, 2015a – *Reflections on the Psalms*, publicado originalmente em 1958) Lewis tece considerações sobre o conceito de revelação. Partindo do pressuposto que o texto bíblico é revelação de Deus para a humanidade, ele comenta a respeito da possibilidade de se encontrar a verdade em fontes extrabíblicas. Ao fazê-lo, comenta sobre um texto egípcio produzido por volta do décimo quarto século antes da era cristã, o *Hino ao Sol*, de autoria do faraó egípcio Amenófis IV, que ficou conhecido como Akhenaton¹⁷. Eis o comentário de Lewis:

O poema em questão é o *Hino ao Sol* – poema egípcio datado do século 14 antes de Cristo. Seu autor é o faraó cujo verdadeiro nome era Amenófis IV, mas que se autointitulava Akhenaton [...] Ele foi um revolucionário espiritual. Rompeu com o politeísmo de seus antepassados e quase rasgou o Egito em pedaços em seu esforço de estabelecer, à força, a adoração a um Deus único. Aos olhos do sacerdócio estabelecido, cuja propriedade ele transferiu ao serviço de uma nova religião, ele deve ter parecido um monstro, um tipo de Henrique VIII, que saqueava as abadias. Seu monoteísmo parece ter sido de um tipo extremamente puro e conceitual. Como era de se esperar que um homem daquele tempo fizesse, ele não identificou Deus com o sol. O disco visível era apenas uma manifestação desse Deus. Foi um passo impressionante [...] um passo que contrastou extremamente com o paganismo comum. O que, até onde sabemos, foi um fracasso total. A religião de Akhenaton morreu com ele. Aparentemente nada restou de seu empreendimento (LEWIS, 2015a, p. 92-93).

¹⁷ A história de Akhenaton (irmão do famoso Faraó Tutankâmon), é apresentada de maneira literária pelo escritor egípcio Naguib Mahfuz (2005). Vale acrescentar que Mahfuz ganhou o Nobel de Literatura em 1988.

“Aparentemente”, pondera Lewis, mas ao mesmo tempo, considera a possibilidade que um tanto do “akhenatonismo” possa ter sobrevivido:

A menos, é claro, e pode ser que tenha sido isso o que aconteceu, que o próprio judaísmo tenha surgido dele. É perfeitamente aceitável que ideias derivadas do sistema formado por Akhenaton tenham gerado parte daquela “sabedoria” egípcia com base na qual Moisés foi criado¹⁸. E não há nada de preocupante com essa possibilidade. O que quer que tenha sido verdadeiro no credo de Akhenaton, isso de alguma maneira chegou até ele, da mesma forma que toda verdade chega a todos os homens: por intermédio de Deus. Não há razão para que as tradições originárias de Akhenaton não estivessem entre os instrumentos que Deus usou para fazer com que Moisés o conhecesse (LEWIS, 2015a, p. 93).

A argumentação de Lewis é ousada, se for lembrado que por séculos a compreensão soteriológica dominante no cristianismo tem sido o exclusivismo. Lewis não abre mão da compreensão cristã clássica expressa em Hebreus 1,1-2: “Havendo Deus outrora falado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho”. Em outras palavras: Deus se revelou de diferentes maneiras ao povo de Israel, mas sua revelação máxima se deu (e se dá) na pessoa de Jesus Cristo. Todavia, ao mesmo tempo Lewis admite a possibilidade que Deus tenha se revelado fora dos limites de Israel¹⁹.

Em alguns de seus textos de exposição teológica direta, Lewis falou sobre a possibilidade da salvação acontecer fora do cristianismo. No já citado *Cristianismo puro e simples* Lewis levanta a questão da salvação dos que não tiveram contato com a mensagem do evangelho:

Não é terrivelmente injusto que essa nova vida seja confinada a pessoas que ouviram falar de Cristo e foram capazes de crer nele? Mas a verdade é que Deus não nos disse quais são os seus planos sobre as outras pessoas. O que sabemos é que nenhuma pessoa pode ser salva senão por intermédio de Cristo; não sabemos se somente aquelas pessoas que o conhecem podem ser salvas por ele. Mas, nesse meio-tempo, se você está preocupado com as pessoas de fora, a atitude mais insensata que você pode ter é também ficar de fora. Os cristãos são o corpo de Cristo, o organismo por meio do qual ele trabalha. Todo acréscimo a esse corpo permite que ele trabalhe mais. Se você quiser ajudar aqueles que estão do lado de fora, terá de acrescentar sua própria pequena célula ao corpo de Cristo, que é o único que pode ajudá-los. Decepar os dedos de uma pessoa seria uma forma estranha de fazer com que trabalhe mais (LEWIS, 2017c, não paginado).

¹⁸ Lewis faz alusão ao texto de Atos 7,22: “E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras”.

¹⁹ Este é o argumento de Donald Richardson (1935-2018), missionário evangélico canadense que atuou por muitos anos entre o povo *sawi* em Papua-Nova Guiné. Richardson ficou famoso no meio evangélico conservador, tradicionalmente exclusivista, por apresentar o que talvez possa ser entendido como uma versão de inclusivismo em seu livro *O totem da paz* (RICHARDSON, 2023, *Peace Child*, “Filho da Paz” no original). Richardson amplia seu argumento em *O Fator Melquisedeque* (2008; *Eternity in their Hearts* no original), no qual apresenta 25 exemplos de culturas tão diversas um da outra como a civilização inca na América do Sul e alguns povos tribais da Indonésia) do que entendeu serem exemplos de revelação de Deus fora dos limites da tradição judaico-cristã.

4 Inclusivismo em *A última batalha*

A última batalha – *The Last Battle* – publicado originalmente em 1956, é o sétimo e último volume das *Crônicas de Nárnia*, livros do gênero fantasia para o público infanto-juvenil. Nesta obra encontra-se o que pode ser classificado como “inclusivismo em estado quimicamente puro”. Para não incorrer em fuga do tema, não se apresentará nesta parte do capítulo um resumo do enredo do livro²⁰. No final da história, há um diálogo entre Aslan, o leão que é um tipo de Jesus Cristo, e um soldado da Calormânia, nação tradicionalmente inimiga de Nárnia. Acontecera uma batalha, na qual os calormanos derrotaram os narnianos. Os calormanos adoram o deus Tacha, apresentado como uma entidade demoníaca, na forma de um abutre com quatro braços que anda como um ser humano. Mas acontece também um cataclisma de proporções cósmicas, e Aslan surge com todo seu poder derrotando Tacha. E aí acontece um diálogo entre Aslan e um soldado calormano por nome Emir. Mas antes de prosseguir, vale observar que “Emir” é o nome dado ao soldado na versão em português brasileiro de *A última batalha*, mas no original inglês o nome do soldado é *Emeth* (LEWIS, 2001, p. 755-760) – isto é, no mínimo, curioso, porque אמת – *emeth* é “verdade” em hebraico (KIRST *et al.*, 1988, p. 14). O soldado, como se verá a seguir, foi um buscador da verdade, e a encontrou²¹. O diálogo dos dois, conquanto longo, merece ser aqui reproduzido, por apresentar pela via da literatura de fantasia a visão inclusivista de Lewis. O trecho se inicia com Emir/Emeth relatando seu encontro com Aslan:

Passei por muita grama e muitas flores e encontrei saudáveis e deleitosas árvores de todos os tipos, até que, em um lugarzinho estreito entre dois rochedos, vejam só quem vem ao meu encontro: um enorme leão. Tinha a velocidade do avestruz e o tamanho do elefante. Sua cabeleira era como ouro puro, e o brilho do seu olhar como ouro quando arde na fornalha²². Ele era mais temível que

²⁰ Para detalhes quanto ao livro e seus conteúdos teológicos e literários, consultar LIMA, 2022, p. 119-149. Para uma síntese do enredo do livro, consultar DURIEZ, 1990, p. 102-103.

²¹ O raciocínio de Lewis ecoa Mateus 7.8: “o que busca, encontra”. Ele citou este dito jesuânico em outro de seus textos: “Ninguém que de maneira séria e constante deseja a alegria a perderá. Os que procuram, encontram. A quem bate (na porta), (esta) se abre” (LEWIS, 2015c, p. 73, tradução nossa). Observe-se que, em Lewis a palavra alegria (*joy* no original) é praticamente um termo técnico para se referir ao sagrado, ao transcendente – a Deus. Há aí uma referência, ou talvez, uma alusão implícita ao inclusivismo: quem procura *joy* – o “céu” vai encontrar. Há também um contraste com a visão que Lewis tinha do inferno. Em uma passagem de *O grande abismo* (*The Great Divorce* no original) que se tornou muito conhecida e citada por pregadores protestantes familiarizados com o *corpus* lewisiano, ele afirmou: “Só há duas espécies de pessoas no final: os que dizem a Deus, ‘Seja feita a Tua vontade’, e aqueles a quem Deus diz: ‘A tua vontade seja feita’” (LEWIS, 2006, p. 69). Estes últimos estarão no inferno, não porque foram predestinados para tal (Lewis definitivamente não acreditava em uma dupla predestinação), mas porque eles preferem ficar longe de Deus. Para Lewis, a porta do inferno foi fechada por dentro, por aqueles que querem ficar lá.

²² Como afirmado, ainda que apenas *en passant*, Aslan é claramente uma figura (ou alegoria) de Jesus Cristo. A descrição feita pelo soldado Emir/Emeth do olhar e da “cabeleira” – juba – de

a montanha ardente de Lagur, e sua beleza superava tudo que há no mundo, muito mais do que a rosa em botão supera a areia do deserto. Então prostrei-me aos seus pés, pensando: “Esta é certamente a hora da minha morte, pois o Leão (que é digno de toda a honra) bem saberá que, durante toda a minha vida, tenho serviço a Tacha, e não a ele. No entanto, melhor é ver o Leão e depois morrer do que ser Tisroc²³ do mundo inteiro e viver sem nunca havê-lo encontrado”. Porém o Glorioso Ser inclinou a cabeça dourada e me tocou a testa com a língua, dizendo: “Filho, sê bem-vindo!”. Mas eu repliquei: “Ai de mim, Senhor! Eu não sou um filho teu, mas, sim, um servo de Tacha!”.

“Criança”²⁴, continuou ele, “*todo o serviço que tens prestado a Tacha eu considero como serviço prestado a mim*”. Então, tão grande era o meu anseio por sabedoria e conhecimento, eu venci o temor e resolvi questionar o Glorioso Ser, perguntando: “Senhor, é verdade, então, como disse o macaco²⁵ que vós e Tacha sois um só?”. O Leão deu um rugido tão forte que a terra tremeu (sua ira, porém, não era contra mim), dizendo: “É mentira! Não porque ele e eu sejamos um, mas porque somos o oposto um do outro, eu tomo para mim os serviços que tu tens prestado a ele. *Pois eu e ele somos tão diferentes que nenhum serviço que seja vil pode ser prestado a mim, e nada que não seja vil pode ser feito para ele. Portanto, se, qualquer homem jurar em nome de Tacha e guardar o juramento por amor à sua palavra, na verdade jurou em meu nome, mesmo sem saber, e eu é que o recompensarei.* E se algum homem cometer alguma crueldade em meu nome, então, embora tenha pronunciado o nome de Aslan, é a Tacha que está servindo e é Tacha quem aceita suas obras. Compreendes isto, filho meu?”. Eu respondi: “Senhor, tu sabes o quanto eu compreendo”. Porém acrescentei, constrangido pela verdade: “Mesmo assim eu tenho aspirado por Tacha todos os dias da minha vida”. “Amado”, falou o Glorioso Ser, “não fora o teu anseio por mim não terias aspirado tão intensamente e nem por tanto tempo. *Pois todos encontram o que eles realmente procuram* (LEWIS, 1987, p. 154-155, ênfases acrescentadas).

Pode-se concluir que neste trecho do livro Lewis é rahneriano: o soldado calormano é um “servo anônimo de Aslan”, isto é, ele sempre serviu a Aslan, sem se dar conta disso. “Esta é uma visão de Deus que dificilmente seria aceita por uma teologia denominacional de tendência provinciana, ou por algum corpo eclesial que se considere detentor exclusivo do acesso à salvação da humanidade” (CALDAS, 2011, p. 113). Ao dar ao soldado calormano nome Emeth, de significado tão sugestivo, Lewis está

Aslan é nitidamente inspirada em Apocalipse 1,14, quando João de Patmos descreve a visão que teve do Cristo glorificado: “A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo”.

²³ A palavra “Tisroc”, inventada por Lewis, refere-se ao título nobiliárquico máximo na monarquia calormana. Seria o equivalente a um Faraó no Egito antigo.

²⁴ A tradução nesse ponto não foi das melhores. O original em inglês traz *Child*, que pode significar “criança”, mas também tem o sentido de “filho”, tradução que, no contexto do parágrafo, teria sido mais correta.

²⁵ O macaco mencionado é um gorila falante (em Nárnia, poucos são os animais que não falam) chamado Maroto na edição brasileira (*Shift* no original) que um dia encontrou uma pele de leão e persuadiu um burro que era seu amigo a usá-la. A partir daí, ele engana a todos dizendo que o burro disfarçado de leão era Aslan que havia voltado. Maroto se aliará aos calormanos, e convencerá a quase todos do seu esquema mentiroso.

afirmando que a experiência de salvação acontece com quem busca a verdade, independentemente de onde estejam os que a buscam e quais sejam suas tradições religiosas. De fato, em uma carta de 1952, Lewis afirmou:

Penso que toda oração feita com sinceridade, mesmo que a um deus falso, a uma compreensão muito imperfeita do Deus verdadeiro, é aceita pelo Deus verdadeiro, e que Cristo salva muitos que pensam que não o conhecem. Porque ele está (vagamente) presente no lado *bom* dos mestres inferiores que eles seguem. Na parábola das Ovelhas e dos Bodes parece que os que são salvos não sabem que seguiram a Cristo²⁶ (LEWIS, 2007, p. 244-245, tradução nossa, destaque do autor).

Esta não foi a única vez em suas cartas que Lewis mencionou sua crença inclusivista. De outra feita, ele repetiu a referência ao texto de Mateus 25,31-46, citando também o discurso de Paulo em Atenas (At 17,23: “Porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio”) e 1Timóteo 4,10 (“... porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis”) e ainda Salmo 145,18 (“Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos que o invocam em verdade”) (LEWIS, 2007, p. 163). Este último versículo deve ter sido especialmente inspirador para Lewis, pois nele se encontra a já mencionada palavra *emeth* que ele escolheu para nomear o jovem soldado calormano que, mesmo sem saber e sem entender, foi salvo por Aslan.

Conclusão

O artigo procurou apresentar que Lewis tinha uma visão soteriológica que conforme uma categoria contemporânea é chamada de inclusivismo. Para tanto, recorreu a elaborações de Lewis escritas tanto em forma de literatura de fantasia (no caso, o diálogo de Aslan com Emir – Emeth, o soldado calormano em *A Última Batalha*) como também por meio de exposição direta (suas ponderações sobre o tema teológico da revelação divina em sua reflexão sobre o livro bíblico de Salmos, em algumas de suas cartas e ainda em outras de suas obras como *Cristianismo puro e simples*). Mas estas não são as únicas evidências de inclusivismo em seu pensamento. Talvez sejam as mais explícitas (muito embora ele próprio nunca tenha usado a palavra “inclusivismo” em qualquer de seus textos).

Mas há também referências implícitas, mais sutis, de sua visão que, conforme entendemos, eram inclusivistas. Uma delas a menção a entidades da mitologia grega, como náiades, faunos, ninfas, ciclopes, centauros e

²⁶ Lewis se refere a Mateus 25,31-46, com ênfase nos vv. 37-40.

gigantes em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (LEWIS, 2009b) apresentados como servos do já mencionado Aslan, o leão que é uma alegoria de Jesus Cristo. Em *Perelandra*, o segundo volume de sua trilogia espacial (ou trilogia cósmica), Lewis apresenta um terrestre, chamado Ransom, que é levado para o planeta Perelandra – o mesmo planeta Vênus do nosso sistema solar – e, lá, para sua surpresa, descobre o Jardim das Hespérides, que na mitologia grega era um jardim onde as filhas de Atlas e Héspera (as Hespérides) guardavam uma árvore com maçãs de ouro, e nesta tarefa eram auxiliadas por um dragão (LEWIS, 2019b, p. 60). Esta referência é assaz curiosa, porque Perelandra é um planeta onde a “queda” não aconteceu, e neste mundo não marcado pela desobediência e pelo pecado, Lewis faz situar uma cena da mitologia grega pré-cristã. Na narrativa de *Perelandra*, Ransom, o humano que é o personagem central da trama, recorda que em Malacandra (o planeta Marte), o planeta que visitara em *Longe do planeta silencioso* (LEWIS, 2019a, o primeiro volume da trilogia cósmica) ele encontrara ciclopes, gigantes pastores de ovelhas que moravam em cavernas. Ransom então elucubra: “Será que todas as coisas apresentadas na Terra como mitológicas existiam como realidades espalhadas em outros mundos?” (LEWIS, 2019b, p. 60-61). Outra alusão implícita ou sutil à inclusividade soteriológica em Lewis é sua recontagem (ou releitura) do mito de Psiquê e Eros (também da mitologia grega) em perspectiva cristã (LEWIS, 2017b). O uso que Lewis fez da mitologia grega em seus textos permite concluir que ele não demonizou uma cultura não judaica e não cristã. Antes, encontrou na mitologia grega elementos de verdade, bondade e beleza.

Lewis jamais escondeu suas convicções pessoais: “Não faço mistério a respeito da minha posição pessoal. Sou um simples leigo da Igreja Anglicana e não tenho preferência especial nem pela Alta Igreja, nem pela Baixa, nem por coisa alguma²⁷” (LEWIS, 2012, XI). Ele não tinha nenhuma preocupação com qualquer classificação de posições teológicas. Por um lado, defendia perspectivas teológicas conservadoras, mas ao mesmo tempo, estava anos-luz distante de ser um fundamentalista.

Sua compreensão soteriológica é exemplo dessa visão “generosa”, por assim dizer, de sua compreensão do que se constitui o núcleo do cristianismo: ele não compartilha de uma perspectiva pluralista em sua compreensão das tradições religiosas e a experiência da salvação humana, pois era cristocêntrico demais para abrir o leque a tal ponto. Todavia, ao mesmo tempo,

²⁷ As expressões “Alta Igreja” e “Baixa Igreja” referem-se a grupos anglicanos com ênfases e tendências distintas. A “Alta Igreja” (*High Church*) é o grupo chamado “anglocatólico”, que dá mais ênfase à liturgia que à doutrina teológica, e a “Baixa Igreja” (*Low Church*) conquanto não despreze a tradição litúrgica, dá mais valor ao elemento “evangélico” de cariz protestante do anglicanismo. Ao dizer que não tinha preferência por nenhuma destas duas alas do anglicanismo Lewis revela que sua inclinação era para a “Igreja Média” (*Broad Church*), uma espécie de síntese entre as igrejas Alta e Baixa.

entende que a salvação pode ser vivenciada fora dos limites do cristianismo, mas não por outro caminho a não ser o de Jesus Cristo, que de alguma maneira se faz presente de maneira ativamente graciosa além dos limites denominacionais cristãos. “Os sistemas não conseguem acompanhar essa luz tão veloz. Nenhuma rede que não seja vasta como o coração inteiro de um homem nem mais delicada que o amor será capaz de capturar o peixe sagrado” (LEWIS, 2015a, p. 126)²⁸. Ademais, Lewis foi cuidadoso ao reconhecer que não sabe(mos) todos os detalhes a respeito: “Não penso que saibamos todos os detalhes; temos que nos apegar à visão que toda a justiça e misericórdia serão feitas” (LEWIS, 2017d, p. 238, tradução nossa).

Talvez a melhor maneira de encerrar este artigo seja com palavras do próprio Lewis, que ele usou para se referir ao já mencionado Faraó Akhenaton:

Enquanto isso, que coração nobre poderia encerrar este capítulo sem uma oração para que aquele rei antigo e solitário, que foi também excêntrico e doutrinário tenha há muito descoberto a verdade e agora também desfrute dela, verdade que de longe transcende o mero vislumbre de que dela pudesse ter? (LEWIS, 2015a, p. 95).

Mais uma vez neste trecho Lewis mencionou a verdade e a sua busca. Os que a buscaram, a encontraram, os que a buscam, encontram-na, os que a buscarem, encontra-la-ão. Jesus Cristo se apresentou como sendo a verdade (cf. João 14,6). Conforme o entendimento inclusivista de Lewis, o Cristo que é a verdade será encontrado por quantos o busquem de maneira sincera, independentemente de quais sejam suas afiliações religiosas.

Referências

ARIARAJAH, Wesley. *The Bible and the People of Other Faiths*. Geneva: WCC Publications, 1985.

ARIARAJAH, Wesley. *Hindus and Christians. A Century of Protestant Thought*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

ARIARAJAH, Wesley. *Not Without My Neighbour. Issues in Inter-Religious Relations*. Geneva: WCC Publications 1999.

BARNES, Michael. *Theology and the Dialogue of Religions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

²⁸ A referência de Lewis à incapacidade de “sistemas” (= teologias) de acompanhar a “luz tão veloz” e que a única rede capaz de capturar o “peixe sagrado” é uma que seja “vasta como o coração inteiro de um homem” e “mais delicada que o amor”, faz lembrar reflexões de Rubem Alves sobre a impotência da teologia, entendida como sistema de reflexão racional, de compreender o mistério de Deus, infinitamente acima e além da capacidade humana de compreensão.

- BERGER, Peter. *Questions of Faith. A Skeptical Affirmation of Christianity*. Oxford: Blackwell, 2004.
- BERGER, Peter. *Múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- CALDAS, Carlos. O bom, o belo e o verdadeiro como chave de leitura do elemento religioso na literatura infantojuvenil de Malba Tahan. In: DE MORI, Geraldo; SANTOS, Luciano; CALDAS, Carlos (Orgs.). *Aragem do sagrado: Deus na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 95-114.
- CALDAS, Carlos. Diálogo inter-religioso: perspectivas a partir de uma teologia protestante. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 112-133, jan./mar. 2017.
- CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. *Era C. S. Lewis um inclusivista?* Comunicação apresentada no Simpósio Internacional Filosofia – Teologia – Ciências da Religião da FAJE e da PUC Minas, 2018.
- CALLAHAN, Pati. *Becoming Mrs. Lewis. The Improbable Love Story of Joy Davidman and C. S. Lewis*. New York: Thomas Nelson, 2018.
- CARPENTER, Humphrey. *The Inklings*. London: HarperCollins, 2006.
- D’COSTA, Gavin. *Theology and Religious Pluralism*. Oxford: Blackwell, 1986.
- D’COSTA, Gavin. *Christianity and World Religions. Disputed Questions in the Theology of Religions*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- DUPUIS, S. J. Jacques. *Toward a Christian Theology of Religious Pluralism*. Maryknoll, New York: Orbis Books, 2001.
- DURIEZ, Colin. *The C. S. Lewis Handbook*. Grand Rapids: Baker Book House, 1990.
- DURIEZ, Colin. *J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis: o dom da amizade*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.
- GREEN, Roger Lancelyn. *C. S. Lewis: A Biography*. New York: HarperCollins, 2003.
- HICK, John. *God has Many Names*. Louisville: Westminster John Know Press, 1986.
- HICK, John. *A metáfora do deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HICK, John. *God and the Universe of Faiths*. 2nd Editions. London: ONEWorld Publications, 2015.
- KIRST, Nelson; KILPP, Nelson; SCHWANTES, Milton; RAYMANN, Acir; ZIMMER, Rudi. *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 1988.
- KITAMORI, Kazoh. *Theology of the Pain of God*. Eugene: Wipf & Stock, 2005.
- KNITTER, Paul F. *No Other Name? A Critical Survey of Christian Attitudes Toward the World Religions*. New York: Maryknoll, Orbis Books, 1985.
- KNITTER, Paul F. *Introdução às teologias das religiões*. São Paulo: Paulus, 2008.

- KNITTER, Paul F. *Without Buddha I Could Not Be a Christian*. 2nd Edition. London: ONEWorld Publications, 2013.
- KOYAMA, Kosuke. *Watterbuffalo Theology*. Maryknoll, New York: Orbis Books, 1974.
- KOYAMA, Kosuke. *Three Mile an Hour God*. London: SCM Press, 1979.
- KOYAMA, Kosuke. *Mount Fuji and Mount Sinai: A Critique of Idols*. Maryknoll, New York: Orbis Books, 1985.
- KOYAMA, Kosuke. *No Handle on the Cross. An Asian Meditation on the Crucified Mind*. Eugene: Wipf & Stock, 2011.
- KREEFT, Peter. *O diálogo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.
- LEWIS, C. S. *As Cartas do Coisa-Ruim*. São Paulo: Loyola, 1982.
- LEWIS, C. S. *A última batalha*. As Crônicas de Nárnia. São Paulo: ABU Editora, 1987. v. 7.
- LEWIS, C. S. *The Last Battle*. Single Volume. New York: HarperCollins Publishers, 2001. (The Chronicles of Narnia).
- LEWIS, C. S. *O grande abismo*. São Paulo: Vida, 2006.
- LEWIS, C. S. *The Collected Works of C. S. Lewis*. Volume 3: Narnia, Cambridge and Joy 1950-1963. Edited by Walter Hooper. San Francisco: HarperCollins, 2007.
- LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Volume único).
- LEWIS, C. S. *Lendo os Salmos*. Viçosa: Ultimato, 2015a.
- LEWIS, C. S. *A imagem descartada*. São Paulo: É Realizações, 2015b.
- LEWIS, C. S. *The Great Divorce*. San Francisco: HarperOne, 2015c.
- LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017a.
- LEWIS, C. S. *Até que tenhamos rostos: a releitura de um mito*. Viçosa: Ultimato, 2017b.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017c.
- LEWIS, C. S. *The Letters of C. S. Lewis*. San Francisco: HarperOne, 2017d.
- LEWIS, C.S. *Sobre histórias*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.
- LEWIS, C. S. *Longe do planeta silencioso*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019a.
- LEWIS, C. S. *Perelandra*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019b.
- LEWIS, C. S. *A anatomia de um luto*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021a.
- LEWIS, C. S. *Milagres*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021b.
- LIMA, Evane A. Soares. *Teologia imaginativa: um estudo a partir de C. S. Lewis*. Campinas: Saber Criativo, 2022.
- MAHFOUZ, Naguib. *Akhenaton, o rei herege*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MARTINDALE, Wayne. *Beyond the Shadowlands. C. S. Lewis on Heaven and Hell*. Wheaton: Crossway Books, 2005.
- MBITI, John. *African Religions and Philosophy*. Portsmouth: Heinemann, 1969.

- MBITI, John. *Concepts of God in Africa*. London: SPCK, 1970.
- MBITI, John. *New Testament Eschatology in an African Background*. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- MBITI, John. *Introduction to African Religion*. Portsmouth: Heinemann, 1975.
- MBITI, John. *Bible and Theology in African Christianity*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- McGRATH, Alister. *Conversando com C. S. Lewis*. São Paulo: Planeta, 2014.
- McGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.
- PATHIL, Kuncheria (ed.) *Religions Pluralism: An Indian Christian Perspective*. Delhi: ISPCK, 1999.
- RACE, Alan. *Thinking about Religious Pluralism: Shaping Theology of Religions for our Times*. Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 2015.
- RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Fé, verdade, tolerância*. O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Raimundo Lulio, 2007.
- RICHARDSON, Don. *O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- RICHARDSON, Don. *O totem da paz*. 4.ed. Belo Horizonte: Betânia, 2023.
- SCHMIDT-LEUKEL, Perry. *Religious Pluralism & Interreligious Theology*. New York: Maryknoll, Orbis Books, 2017.
- SONG, Choan-Seng. *Third-Eye Theology: Theology in Formation in Asian Settings*. Eugene: Wipf & Stock, 2002.
- SONG, Choan-Seng. *The Compassionate God: An Exercise in the Theology of Transposition*. London: SCM Press, 2015.
- TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos semitas*. São Paulo: Loyola, 2015.
- WILSON, A. N. C. *S. Lewis: A Biography*. New York: W. W. Norton & Company, 2002.

Artigo submetido em 02.08.24 e aprovado em 04.09.24.

Carlos Caldas é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas. Orcid.org/0000-0003-0472-7250. E-mail: crcaldas2009@hotmail.com

Endereço: Rua Humaitá 1053 Apto 303, Padre Eustáquio
30.720-410 Belo Horizonte – MG